



Abandonados

(Photographia Belleza)

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR
Francisco de Souza Gomes Velloso

ADMINISTRADOR E EDITOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica
 Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 BRAGA

CONDICÇÕES D'ASSIGNATURA
 (PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.
 Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
 accresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Esculptura e Talha Religiosa, em madeira, marfime massa

Fundada em 1874



Pecan
o nosso
catálogo
illustrado
com 143
gravuras,
que se
envia
gratis.

— **PORTO** —

Rua do Bomjardim,

— 85 a 89 —

Rua de Santo Antonio

— 58 a 63 —



Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1883
e 1897.

— **GUARDA** —

Representante
depositario
CASA SUCENA
Rua Hellodoro Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiçaes, jarras, ramos, custodias, relicarios, calices, pyxides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carrilhões de campainhas, thuribulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestos do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA é a fornecedora das principaes casas con-
generes no extrangetro, e a que mais egrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario. Joaquim A. Pereira Vill-la. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 15 de julho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 159—Anno IV



Cardeal Domingo Serafim

(Phot. do Cav. C.
Felici)

CHRONICA DA SEMANA

Coisas do nosso tempo

E' frequente ouvir dizer que n'este mundo dos nossos peccados o mau anda nos caminhos do bom. Talvez n'isto esteja a razão de o homem não ser perfeito. Larguemos porém, d'estes sáfaros terrenos da meditação na pobreza do humano barro. Constatemos apenas que é barro e que é humano, e passemos adiante, a fazer a verificação d'estas ideias na atmospherá carregada da guerra europeia, provação redemptora, segundo uns, catastrophe diabolica, segundo outros; belleza da civilização ou barbaridade sem nome. Seja o que fôr, eu creio que ella está dando a mais crua das realidades, porque é um tormento de dôres e um acervo de desgraças que forçam os espiritos delirados do nosso tempo a considerar as baixezas humanas (positivamente hoje estou propenso a lamentos!) — é tambem o triumpho da mais curiosa e interessante das mentiras.

El pueblo es niño... lia eu ha pouco n'uma deliciosa comedia do genial Benavente. Pois assim como aos meninos se encobre a verdade para que a crueza d'ella não lhe fira as canduras da innocencia franjada de illusões doiradas, assim tambem ao povo se engana não para preservar innocencias ou canduras, que desditosamente não possui, senão para que não renasça nos seus peitos o bruto instincto, para o manter vivendo muito acima das miserias que derrotam os sonhos e as purezas da alma, para o chamar aos vãos do espirito e do sentimento que redimem.

E a tal ponto isto assim é, meus amigos, que eu formulo o phenomeno de psychologia collectiva d'esta maneira: *durante a guerra a verdade é o erro*. E não faço paradoxo. O erro triumphá agora da verdade. *Mente-se... por bem!* Eu não quero fazer referencia aos trabalhos das commissões de censura no nosso paiz. Portugal, em tempo de paz como em tempo de guerra é sempre diverso do resto da Europa que elle caricatura desastrosamente quer nas modas, quer na litteratura, quer... na *união sagrada* (ai, que *desunião consagrada*, dizia ha pouco um camachista furibundo!)

Não me refiro pois, indirectamente a Portugal quando recordo aos eleitores os espaços brancos das paginas dos jornaes francezes, que ás vezes n'um artigo de fundo trazem. Clémenceau protesta invariavelmente contra semelhante attentado á liberdade de opinião. Hervé rosna quando o lápis azul lhe risca d'alto a baixo as columnas de prosa. Hutin no *Echo*, Dichon no *Petit Journal* e tantos outros irritam-se tambem.

Mas que fazer! A verdade é o erro anti-patriotico. E' preciso mentir. Fallar verdade é descoroçoar o povo que anciadamente fita a linha em fogo das trincheiras. E' levar-lhe ao espirito a fria lamina da duvida ou abalar-lh'o n'uma oscillação pendular, successivamente mais desequilibrada, de indifferença e de hesitação. Fallar verdade! *El pueblo es niño*... Nem tudo se diz ás creanças. Nem tudo se diz ao povo.

E que arte de mentir não teem hoje os jornalistas da Gallia! A *victoria final*, por exemplo, é como *aquella condecinha que vem de França* com que se illudem delicadamente as curiosidades pueris. O povo pergunta ao ler a noticia de derrotas nos comunicados:

E agora? Que vae ser de nós?...

—Descancem, respondem os mentores da opinião. Descancem. Nada de alarmes. Esperemos pela *victoria final*...

E o povo espera, engole as lagrimas, refreia os soluços, seréna e soffre em silencio!...

Fallar verdade! Mas é erro anti-patriotico. Acaso resistiria a cêga confiança do povo á revelação das traições de Picquart em Lille feita nas tragicas horas em que o exercito allemão em avalanche descia para o Marne? ás esmiuçadas noticias das divergencias nos estados maiores? Poderia ser que sim: eu não o creio, não o creem os jornalistas da França. E' preciso mentir. A verdade é o erro patriotico, meus senhores. O que o adversario faz é sempre, sempre mau, o que nós fazemos é impeccavelmente justo. Parece com isso a imparcialidade? Paciencia! Não soffre a patria tambem? Ha preconceitos necessarios, como diria Faguet, o positivista que morreu de labios collados á Cruz.

Não se veja a guerra d'outro modo, por differente prisma, na pagina dos jornaes, Não se riam nem se exaltem com o procedimento dos partidarios da *Entente* para com

Grecia. *Foi por bem*, gralhavam as pégas de Cintra. E' em nome do Direito, da Liberdade e da Civilização, explicam meticulosamente os jornalistas. A verdade não se diz aos meninos, é erro anti-patriótico. Todas as victorias são esmagadoras. Todas as derrotas são . . . *victorias moraes*. Se Verdun fôsse conquistada pelos *barbaros* nunca por nunca seria isto mais do que um effeito moral apenas. Os austriacos recuam na Bucovina? Não é recuar, diz no parlamento hungaro o Conde de Tjsza. E' tão sómente uma medida de *prudencia*. O forte de Vaux foi tomado? Ora! Estava em ruinas, brada o Coronel Rousset!

E' por isso, que já ninguém acredita em nada, nos paizes neutraes.

E' por isso que os francezes creem fatalmente na victoria.

Fallar verdade! Que crime! E a caveira de Voltaire está a casquinar dentro da cova . . .

F. V.

Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Um poeta

Anda o vocabulo estafado na lisonja louvaminheira dos cenaculos e dos jornaes. Todos são poetas. E' uma epidemia que alastra, uma bertoeja litteraria, que corroe. Qualquer rapazelho prodigio, no dia solemne, em que chupa o primeiro cigarro e abre vaidoso a risca no cabello, desfecha fatalmente quatro babozeiras rimadas á visinha, e, fatalmente a familia, os amigos, o jornal da terra, o proclamam entusiasmados, poeta divino.

Novos cigarros, novas rimas e o esperançoso vate, surge envencionado de genio, fundador d'uma eschola, joalheiro do verso, pensador sublimado, pelas columnas das revistas e dos jornaes, que o cantam e recantam lisongeiros, em sedições logares comuns; no dia em que desvaira a cabeça com o primeiro charuto, forçou a gloria, a politica, a academia, o pantheon — um genio, uma gloria nacional! E no entanto o rapazelho audaz, durante a sua jornada de triumpho não tornou a perpetrar nenhum outro peccadilho litterario. A sua obra reduz-se afinal, ás quatro endeixas erradas, que desfechou solemne á visinha gentil, no dia tambem solemne, do seu primeiro cigarro. E' por isso que é sempre amarga tarefa, fallar d'um poeta, porque o leitor pôde ficar desconfiado, e suppo-lo egualmente genial como o genial verzejador da lamparina jornalistica da sua terra. Foi assim que n'este desgraçado paiz, se foram inutilisando os mercados litterarios, se afastaram os raros leitores, se condemnaram afinal os verdadeiros poetas e os verdadeiros artistas, á dura condição d'estenderem a mão inspirada á caridade publica, se o amanuensado não surgir amparador.

O meu poeta, Deus louvado, não é amanuense, e não pode até hoje abandonar a paz tranquillada da sua aldeia. Por isso vive feliz, simples, ingenuo, acima do vicio e da intriga, coração aberto, alma franca, mãos generosas e inspiradas. Tenho aqui ao meu lado a sua «Zagála» onde vai colligindo os primores da sua inspiração. A sua arte é simples como o murmurio d'uma fonte, leve e delicada como a corolla d'uma flôr. A sua inspiração brota simples, murmúra subtil. Não tem um exotismo, não reveste as suas ideias de roupagens, não adorna as suas rimas de pedrarias, de scintillações, de reverberos, não pertence a uma eschola, não representa uma corrente, uma tradição. E' um espontaneo poeta da natureza, que para a natureza vive, cantando e soffrendo a sua dura, ingrata condição, de passageiro da vida. Ama, soffre e canta, livre como a sua alma, inconstante, irrequieto, como o seu coração d'homem, creado ao arredio entre rios que choram e arvores acolhedoras. A sua paleta rica de tintas exuberantes, não tem outras côres, não reúne outros tons, que as côres e os tons magnificos, do ceu que o cobre, da paisagem que o cerra, das arvores que o abrigam do sol, dos campos enovellados de cearas ou dos prados longinquos, semeados de flôres. A sua arte tem a épica magnitude d'um ceu illuminado e a uncção ingenua e purificadora d'uma resa — a phantasia esplendente d'um deus pagão dentro da alma christã d'um pegureiro d'eclo.

ga, quem é? quem é? perguntará. Descance. O leitor vai conhecê-lo, vai admirá-lo em breve, quando do apparecimento do seu primeiro livro. Então verá que o meu poeta, o simples e inspirado João d'Outeiro, é bem o cantador enternecido do povo, o lyrico das desgarradas e dos serões, o herdeiro fiel de Crisfal e João de Deus, o mais sincero e espontaneo interprete do sentimento popular.

Antonio Corrêa d'Oliveira é hoje o grande cantor da raça entendida e esclarecida atravez da sua alta personalidade, de poeta e de pensador; Antonio Nobre foi o viajante da tristeza nacional, atravez do mundo, o elegiaco, enorme cantor da decadencia. João d'Outeiro será amanhã o grande poeta do coração.

Humilde e simples, a sua voz é a voz do coração, o echo longinquo da alma apaixonada e quem sabe afinal, se este poeta que espalha prodigamente o coração pelos seus versos, poderá dizer algum dia, como Garrett em pleno parlamento vintista, tirando da casaca londrina a tabaqueira esmaltada: "*sempre padeci, senhor Presidente, de ter coração de mais.*"

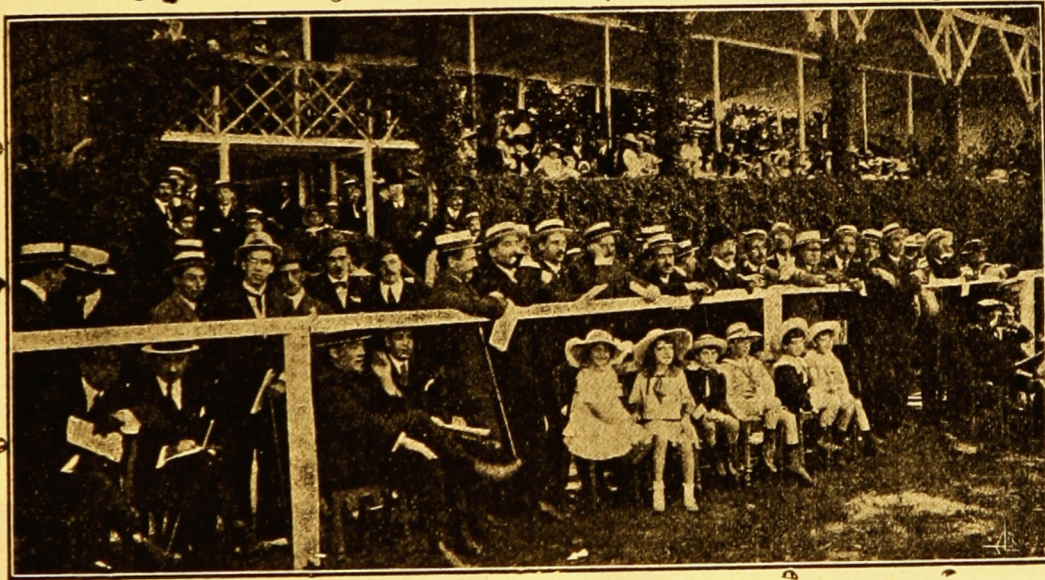
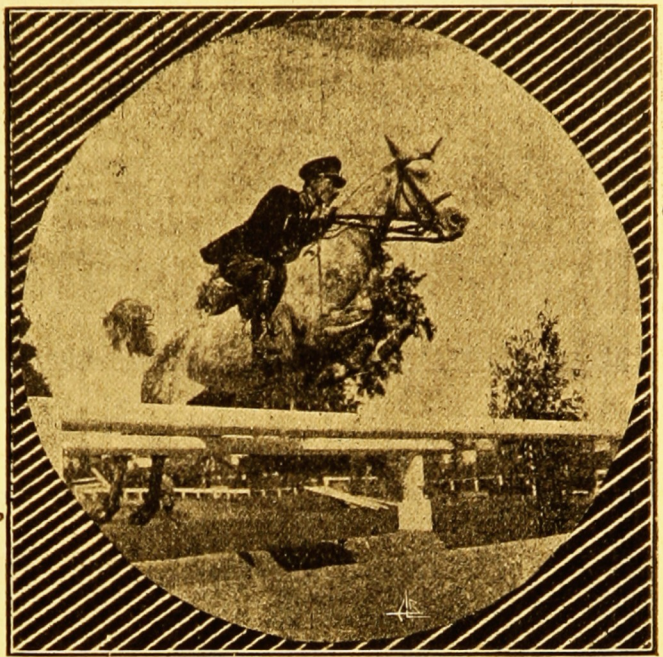
A CARIDADE INFANTIL

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Elvira Neves Pereira,
distinguida poetisa, offerece, como recordação
de tempos já fugidos, aquelle que um dia lhe
serviu de mestre.

*Ao collegio ia Annita sorridente,
sobrçando seu lunch na cestinha,
quando ao dobrar a esquina, de repente,
vê chorando uma pobre creancinha!*

*Parou, interrogano — Por que chora?!
— Tenho fome, diz ella com voz cava,
e frio tambem tenho... — Acaba agora,
E deu-lhe a capa e o lunch que levava.*

*E ao praticar esse acto grandioso,
ia imitando, assim, humilde santo,
que vendo quasi nú, um desditoso,
com elle dividiu seu proprio manto!*



Concurso Hippico

PORTO

1—O cavalheiro Delphin Maia.

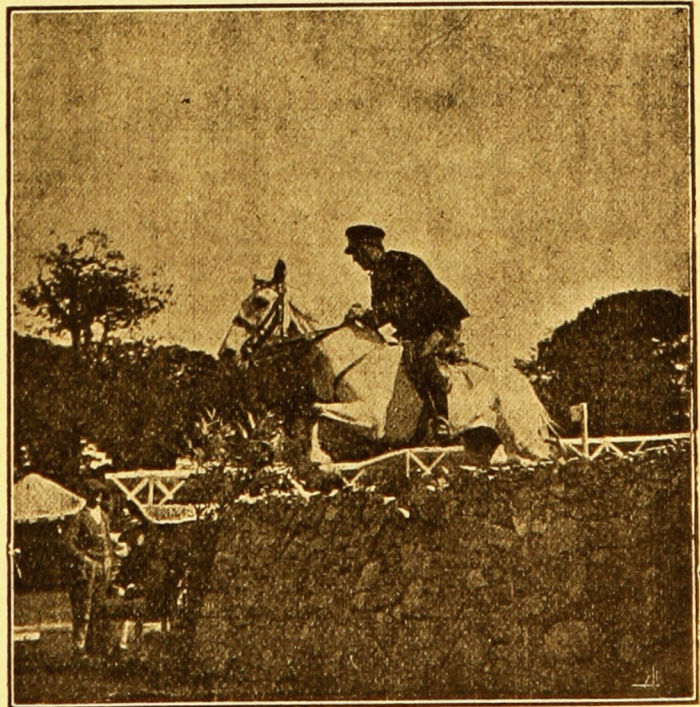
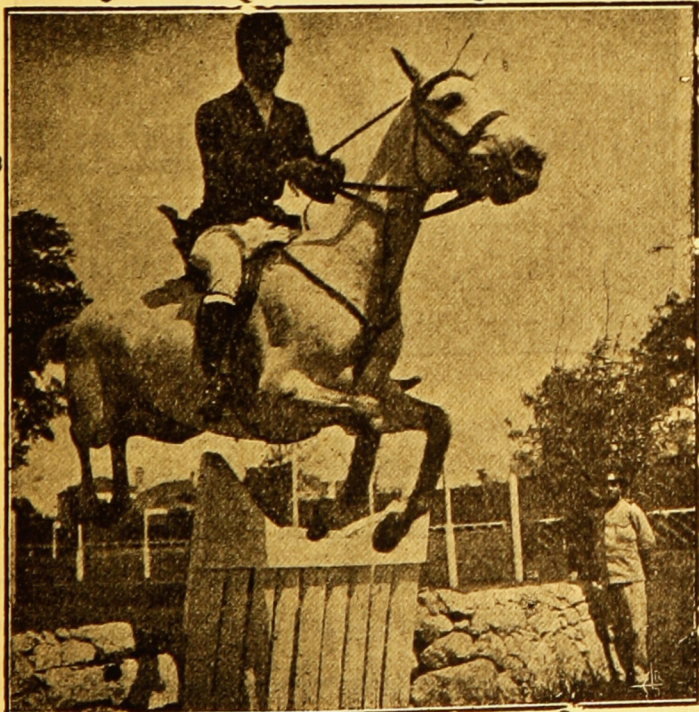
2—José Pires de Campos.

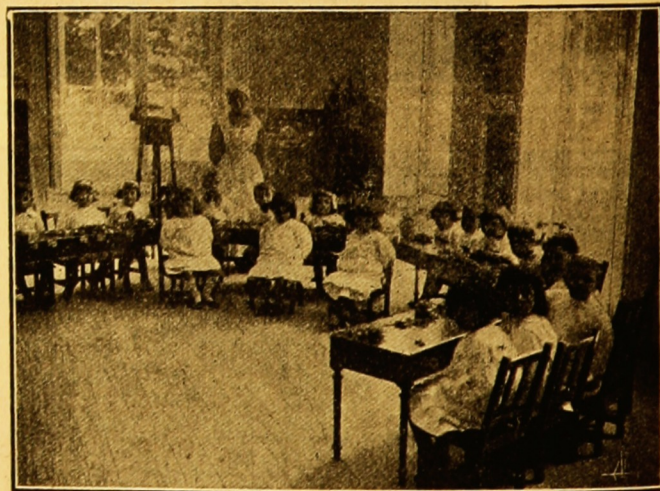
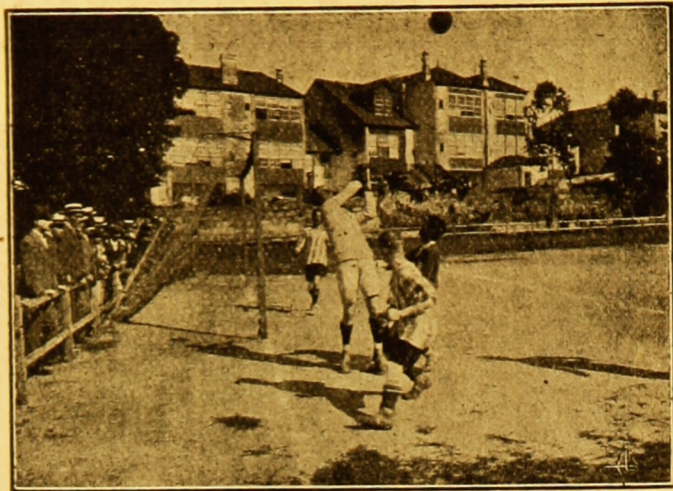
3—Um aspecto da assistência.

4—Carlos Mariu.

5—A. Villardebó.

Phot. J. Azevedo





1—Porto — Foot Ball. Uma defesa do goal keeper.
 2—Um aspecto da assistencia.
 3— Team vencedor—Sport Lisboa e Bemfica.
 4—Team do Foot Ball Club do Porto.

Phot. J. Azevedo

5—Corpo docente da Escola Infantil. (N.º 1 Praça da Alegria)—Porto.
 6—Interior d'uma sala de aula da Escola Infantil.

(Clichés do phot. amator J. Castro.)

3.º Anniversario da "Illustração Catholica,,



José Agostinho José Pereira Villela Francisco José de Paiva Gabriel Maia P. Antonio J. de Carvalho
Joaquim A. Pereira Villela
Antonio Pereira Villela Dr. Arthur Bivar, J. Faria Machado P. Clemente A. Peixoto Felix Cruz
J. Ribeiro Coelho Dr. Francisco Velloso

Por ocasião dos primeiros trabalhos para o 4.º anno da *Illustração Catholica*, juntaram-se no Bom Jesus do Monte, a convite do proprietário d'esta revista, alguns redactores e colaboradores, que tiveram alli um opiparo jantar de confraternização.

Os ausentes foram alli lembrados em tocantes phrases de carinho, os presentes saudados com effusiva amizade e não esqueceu saudar em reverentes phrases o Hierarcha da Egreja, S. S. Bento XV, e o Antistite da diocese, D. Manuel Vieira de Mattos.

Momento emocionante, porém, foi como nenhum as saudações trocadas entre José Agos-

tinho e Dr. Arthur Bivar, que ha muitos annos já tiveram entre si, uma polemica rude n'uma epocha de perturbação que terminou pela conversão ao catholicismo do primeiro d'aquelles nossos companheiros.

Commoveu todos ver assim abraçados em espirital communhão os antigos adversarios. O nosso director salientou aquella lição de fé em phrase serena mas candente e expressiva.

O snr. Felix Cruz que tambem esteve na reunião tirou o grupo que perpetua nos fastos d'esta revista aquella tarde amena de confraternização.

Foi o dia 2 de julho de 1916.



**Recordação do hanquete realzado
no Grande Hotel do Parque, Bom
Jesus—Braga**

Commemorando o 30.º anno das nomeações dos Ex.^{mos} Snrs. Nuno Freire Dias Salgueiro e Antonio Vieira Neves, Director e Adjunto da Repartição de Contrastaria do Porto, e promovido pelos funcionarios Antonio José da Silva, Antonio Ribeiro Mello Caldas, Laurindo Costa, Manuel Agostinho da Costa e José Diogo Antunes Junior, em 4 de julho de 1916.

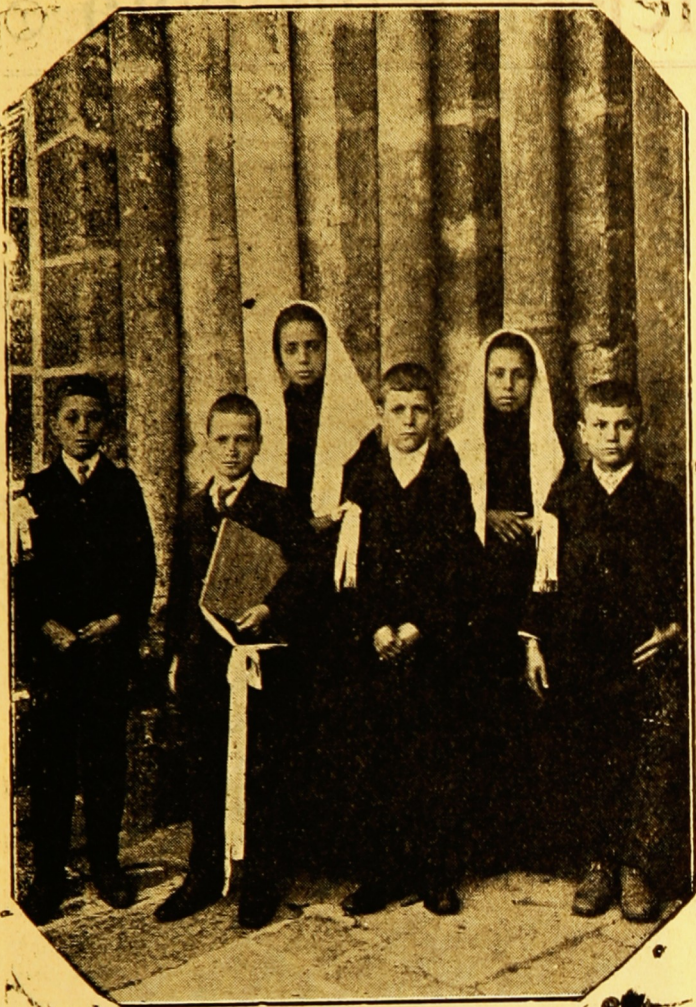
1—Alberto Coutinho da Silva Moraes, 2—Antonio Vieira Neves (Adjunto), 3—Nuno Freire Dias Salgueiro (Director), 4—Francisco Laurentino de Barbedo, 5—Victor Lanie



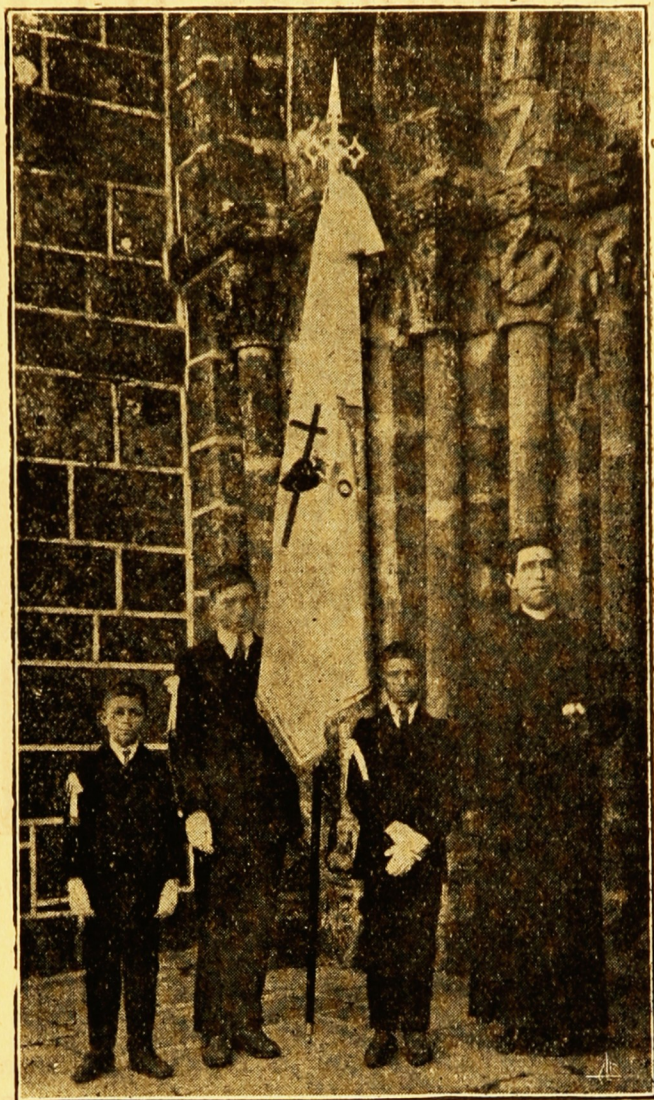
Kombert, 6—Antonio José da Silva, 7—Antonio Ribeiro de Mello Caldas, 8—Laurindo Costa, 9—João Baptista Saldanha, 10—Arthur José Torres Cunha, 11—João José da Silva Junior, 12—Manuel Agostinho da Costa, 13—José Fernandes Moreira, 14—Laurentino Ferreira de Mattos, 15—José Diogo Antunes Junior.

1—Grupo geral dos meninos e meninas da catechese de S. de Rates, concelho da Povia de Varzim, que tomaram parte n'uma excursão catechista, no dia 11 de Junho, á freguezia de Macieira, do concelho de Barcellos.

2—Grupo geral dos meninos e meninas da catechese de Macieira e respectivas catechistas que tomaram parte na imponente recepção feita á catechese de Rates.



O grupo dos meninos e catechistas da catechese de Rates que discursaram em Macieira por ocasião da excursão



O grupo "porta-bandeira" da catechese de Rates com o seu director rev. padre José Antonio d'Oliveira



Grupo geral das catechistas de S. Pedro de Rates que, com todo o zelo, se dedicam ao ensino da doutrina christã

LIVROS NOVOS

Auto do Sol-pôr

Muito elegantemente impresso em Chaves. E' seu auctor o sr. Adriano Coimbra, e constitue um interessante documento da litteratura moderna.

O poeta está filiado na nova escola-symbolos, mas salva razoavelmente asten-
dencias usuaes, com uma boa dose de sensatez, nos Prologos, fazendo versos ordinariamente bons.

Quanto ao auto propriamente dito, como redondilhas que são e de feitura acentuadamente popular, não são bons, são optimos. Teem até sentimento catho-
lico, e a sua phrase final é uma profissão de fé: *Laus Deo*. Parabens.



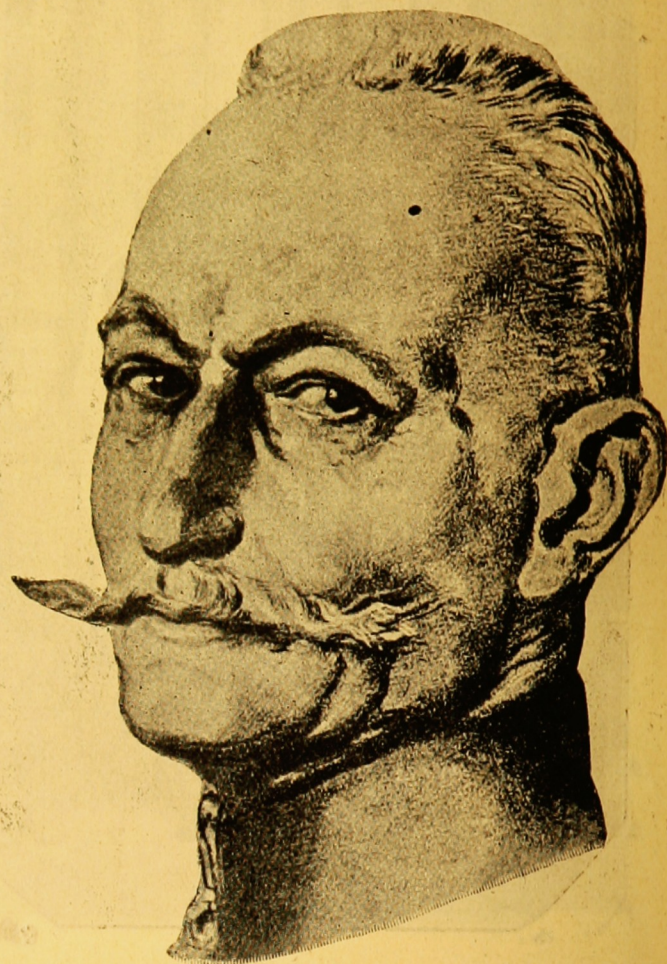


Uma das secções da Conferencia dos aliados em Paris

o cilindro rôla

Simultaneamente com a offensiva ingleza ao Somme, franceza na Argonne e italiana no Trentino, desenhou-se na Galitzia a offensiva russa commandada pelo general Alexis Brusiloff. O cilindro tem rolado por toda a Bukovina, e agora parece ter emprehendido a aspera subida dos Carpathos.

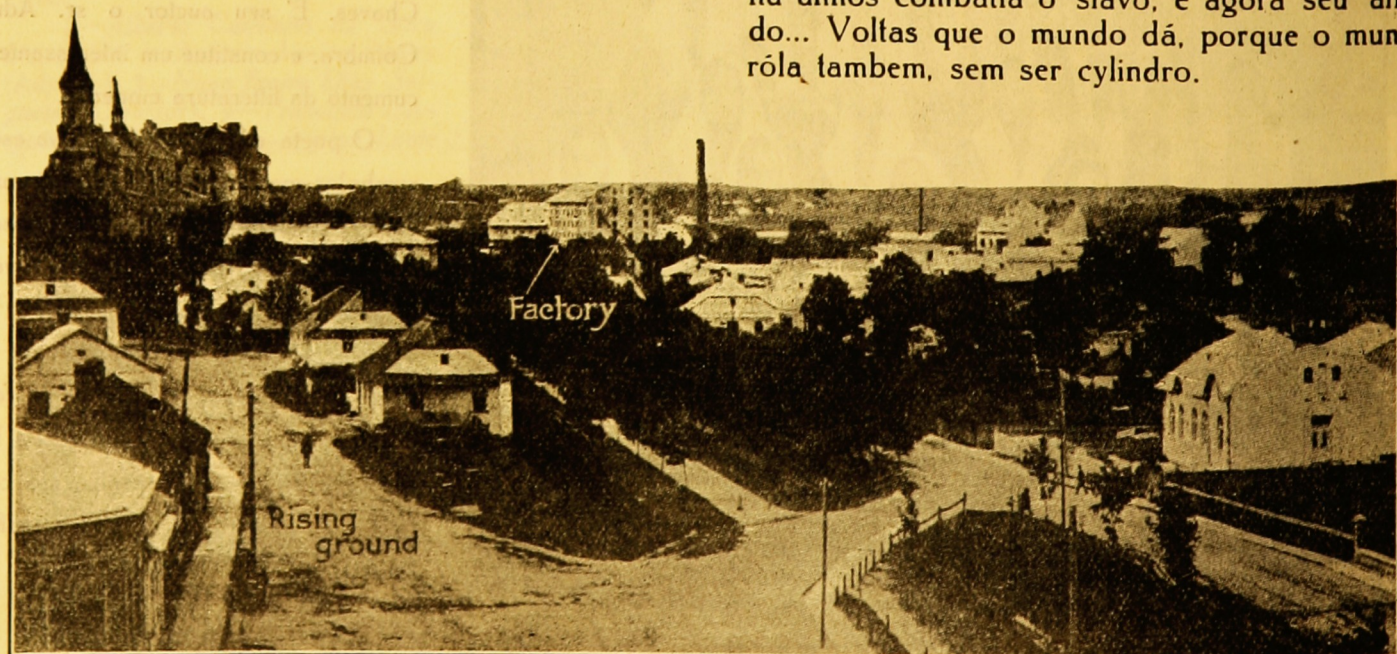
— Dos resultados d'estas offensivas não ha que duvidar: descongestionou um pouco Verdun, apesar do assedio de 2000 canhões allemaes que sobre ella vomitam diariamente toneladas de ferro e explosivos.



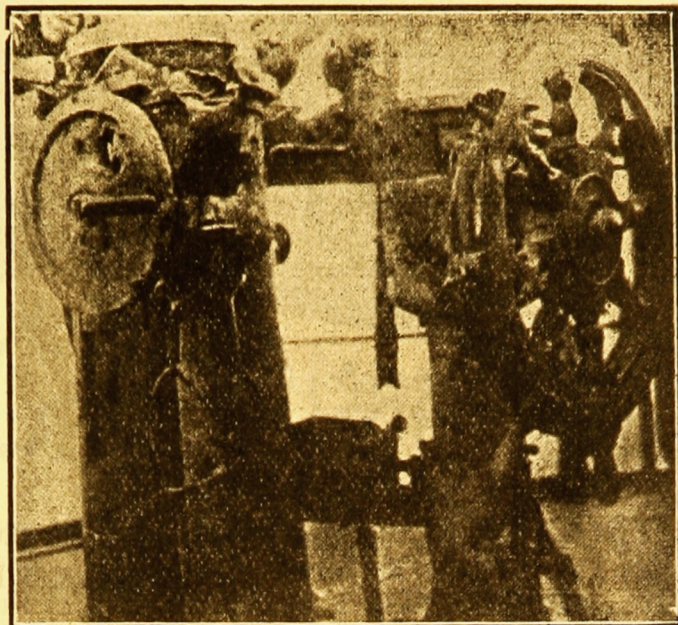
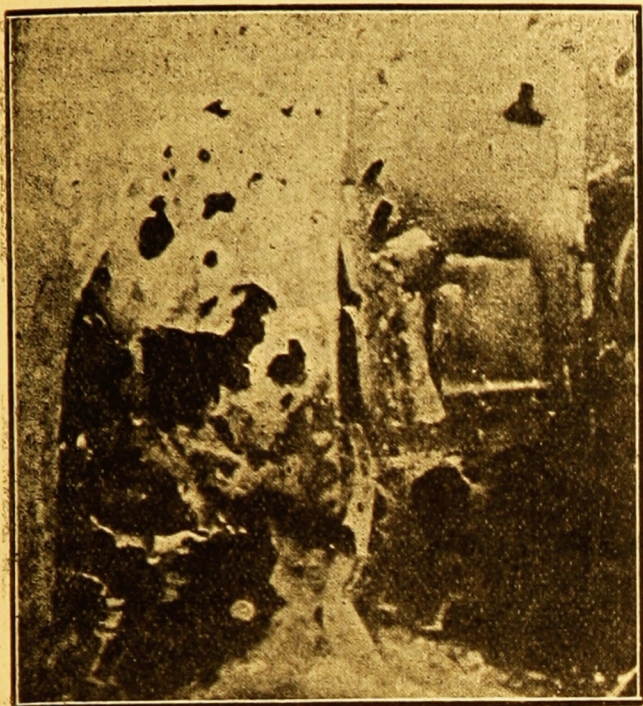
O general russo Alexis Brusiloff, general em chefe das tropas russas que combatem na linha ocidental, e a quem os russos devem as ultimas victorias

Mas nenhuma offensiva tem a extensão da russa, porque nenhuma tambem é constituída por um cilindro humano que rôla os seus interminaveis milhões de soldados.

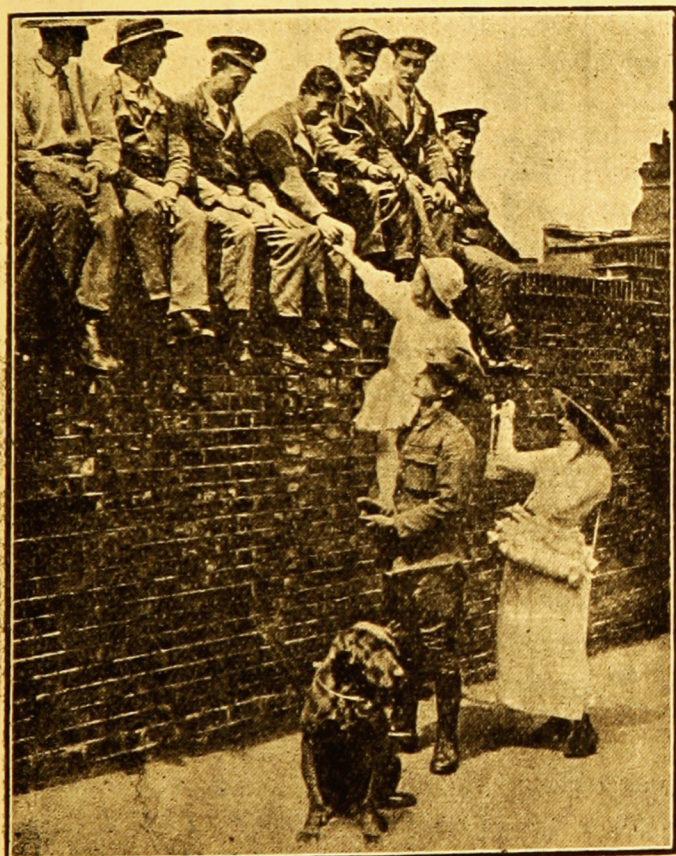
Viveres não faltam, antes sobejam á Russia, que mercê da guerra não pode facilmente enviar-nos os trigos que armazena; munições tem-lh'as facultado o Japão, o imperio asiatico que ha annos combatia o slavo, e agora seu alliado... Voltas que o mundo dá, porque o mundo rôla tambem, sem ser cilindro.



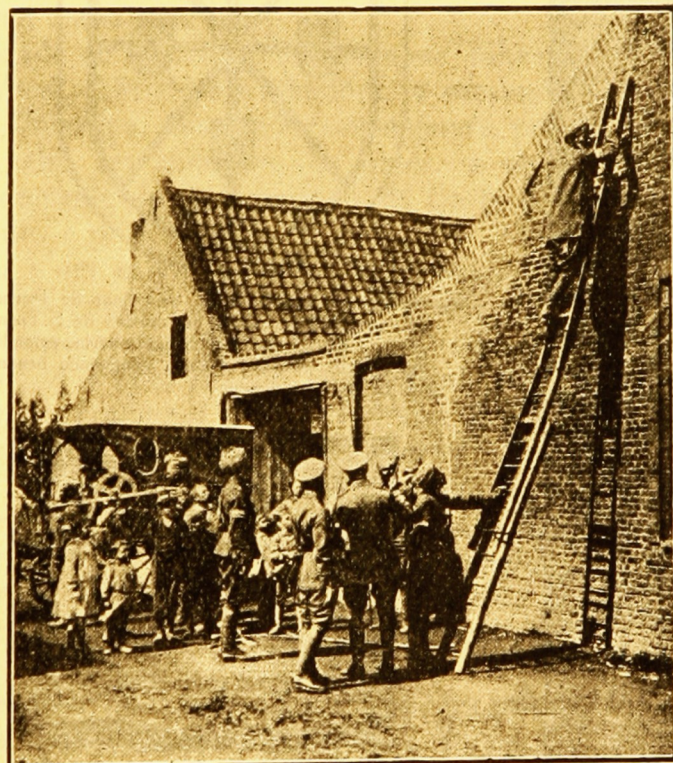
A cidade de Czernovitz' uma das cidades tomada pelos russos durante a sua ultima offensiva



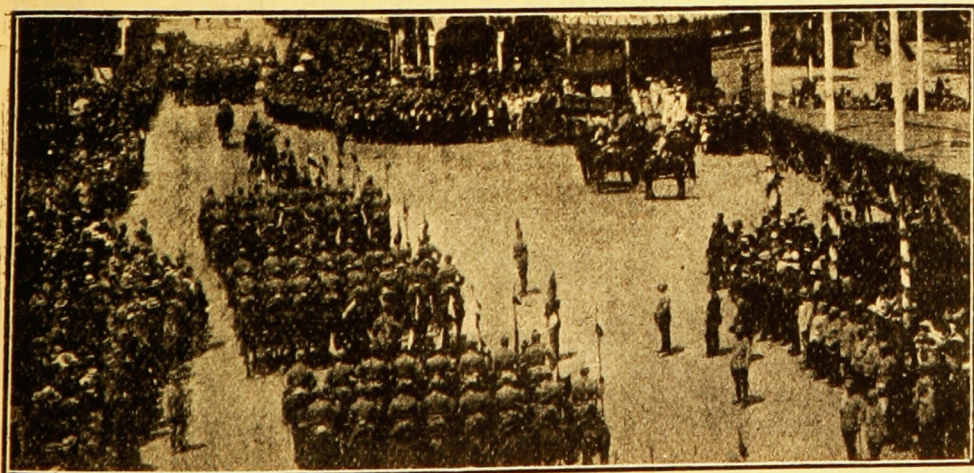
1 e 2—Perdas inglesas na batalha naval da Jutlandia.—
Vista interior e exterior da casa da bitacula (guia do leme) d'um
vaso de guerra inglez perfurado pelas balas dos navios allemães.



Indianos em França. — Os soldados telegraphistas
fazendo a ligação dos fios nas paredes d'uma granja com
permissão dos respectivos proprietarios.



Soldados australianos assistindo á venda das rosas cujo
producto é destinado aos feridos da guerra.



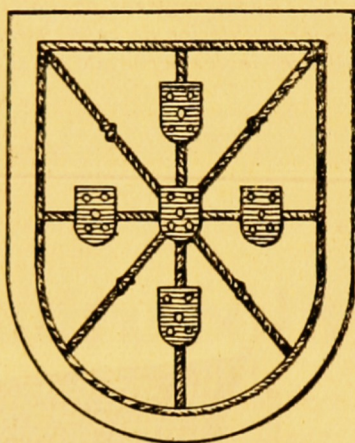
Do Nascente ao Poente

Romania — As tropas desfilando
deante da tribuna real apoz a parada
no dia das festas nacionaes.

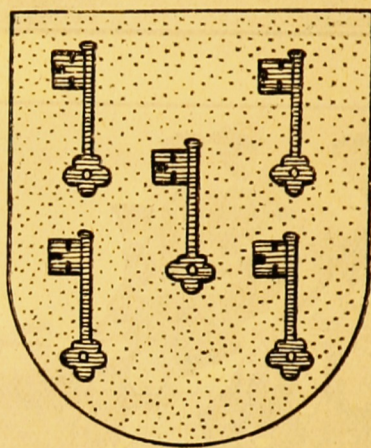


ARMARIA PORTUGUEZA

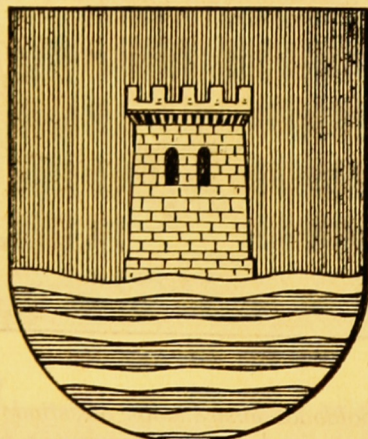
Armas de cada appellido que entram na composição dos brazões das casas nobres de Portugal



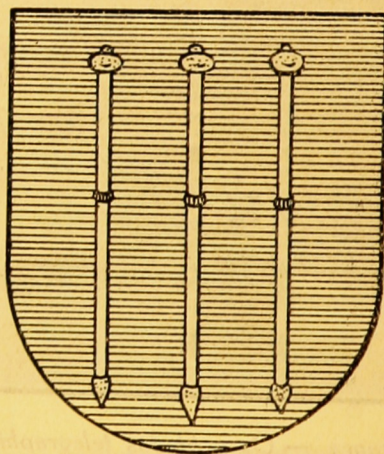
Eças.—Em campo de prata as quinas de Portugal, cercando o escudo um cordão de S. Francisco. Timbre: Uma aguia azul aberta, esteadidas as azas, armada d'ouro, com cinco besantes de prata no peito.



Fagundes.—Em campo de ouro cinco chaves d'azul em aspas. Timbre: duas chaves atadas com um torçal de prata.



Faria.—Em campo vermelho, um castello de prata, com portas e frestas de preto, entre cinco flores de liz de prata, tres em chefe, e duas em faxa. Timbre: o castello do escudo.



Alcão.—Em campo azul tres bordões de S. Thiago, de prata postos em palla, com os nós vermelhos e os ferros d'ouro. Timbre: um falcão de sua côr, com um bordão no bico e pé direito.



"TERRE SAINT,"

POR

MARIA SALOMÉ

Lisboa—Typographia da Livraria
Ferin—90. R. Nova do Almada, 74.

Não são sómente as outras nações, como por exemplo a Romania que se orgulha de ter possuido na rainha Izabel a «Carmen Sylva», e a Suecia de ter visto a rainha Christina renunciar ao throno para cultivar as Lettras e a Philosophia; Portugal tambem teve a senhora Infanta, filha de El-Rei Dom Manuel I, a Marqueza de Alorna e tantas outras.

Braga orgulhou-se, em tempos idos, de ter visto florescer, dentro de seus muros, D. Ignacia Xavier, uma das mulheres mais doudas de seu seculo.

Sabia Philosophia e Mathematica, Cirurgia e Medicina. Publicou um volume de Rhetorica com o titulo de *Arte de bem fallar*, e escreveu o livro das antiguidades de Braga, e outro, em quarto, contendo a vida d'uma santa matrona.

Ao presente, desvanece-se a antiquissima cidade de contar entre as suas filhas, a que usa o sympathico pseudonimo de *Maria Salomé*. Christã e sonhadora, a mesma fê que levou nossos egregios avós em demanda da Palestina, afim de reconquistarem, pelas armas, o santo sepulchro de Christo, conduziu ahi, em romagem de amor, a nobre dama descendente de heroes e de santos, nomeadamente de S. Francisco de Borja e do Santo condestavel, illustre pelo sangue, pelo talento e pela virtude.

Ella nos conta as suas impressões em francez n'um estylo poetico, suavissimo, limpido como as aguas d'um arroio. É para que a não julguem menos patriota, diz-nos a razão da sua maneira de proceder: "*On s'étonnera certainement quand on saura qu'une pèlerine portugaise a écrit dans une langue étrangère ses impressions sur la Terre Sainte. Je m'impose le devoir de m'expliquer, craignant qu'on ne blâme ma hardiesse ou qu'on ne m'accuse de peu de patriotisme. Rien de cela: j'ai fait ainsi simplement à cause mes chers compagnons français de pèlerinage, qui n'entendant pas le belle langue de Camoëns, m'ont demande d'ecrire mes impressions en français. Qu'ils me pardonnent si je ne le fais pas avec toutes les beautés du bel idiome de Lamartine.*"

Se como Lamartine e Châteaubriand tambem a sua alma se extasiou perante as bellezas da Terra Santa, o seu coração de mulher piedosa pulsou com mais amor sob o céu azul da Palestina.

Não houve recanto que não percorresse, reliquia que seus labios não tocassem. Nos dezoito capitulos do livro revela a auctora a sua alma de eleição: sua linguagem encanta, commove, e predispõe o espirito e o coração para as coisas do céu.

Maria Salomé, dando á estampa este livrinho d'oiro, teve em vista coadjuvar os padres de S. Francisco e contribuir para o culto dos Logares Santos.

É em nome de todos os portuguezes que ella offerece, para o culto do Santo Sepulchro e Missão dos Franciscanos, o producto da sua narrativa de viagem.

Março de 1916.

ZULMIRA DE MELLO.

O melhor companheiro para se passar agradavelmente o tempo, é um bom livro.

A companhia dos livros dispensa, com grande vantagem, a companhia dos homens.



COR JESU

POR MARIA SALOMÈ.

Nove annos passados após a nossa romagem ao logar em que appareceu o Sagrado Coração, e ainda se nos afigura sonho os dias amenos que alli estivemos e onde o bulicio do mundo não perturbava a paz bemdicta que se respira n'aquella abençoada terra.

Uma mystica e infinita doçura nos invade ao relembrar as scenas grandiosas d'amor divino que alli se passaram.

Paray-le-Monial, tem a paysagem nublada, parece que o Salvador alli deixou impressas a melancholia do seu olhar, a tristeza da sua alma, ao contemplar a devastação da terra, o cãos em que a humanidade jazia. Elle que por ella tinha vertido o sangue todo, vem ainda offerecer o coração clementissimo, para que os afflictos, os doridos da alma n'Elle encontrem balsamo e allivio.

Não Lhe bastou o martyrio sangrento do Golgotha; volta de novo á terra n'um appêlo d'amor a chamar a Si aquelles que o abandonaram e vem silencioso, desacompanhado de pompas e de sequito, o Rei dos Céos e da Terra! pobre e humilde! como nos tempos biblicos, em que Elle ia pelas cidades e aldeias, subindo aos pinaros das montanhas, atravessando rios e mares n'uma ancia d'amor, espalhando graças a jorros d'aquelle Coração adoravel que a lança um dia havia de trespassar por quem vinha morrer.

Esta loucura d'amor, como S. Paulo lhe chama, esta piedade vasta e serena como os espaços, corre mais veloz que os meteoros, já pelos ardentes sertões d'África, já pelos gelos dos Polos e por mares revoltos derramando como o sol os raios beneficos por entre as trevas mais espessas da nossa miseravel vida.

E esta luz fulgente, que illumina o mundo, irradiou d'um sopro divino d'aquelle claustro humilde e esquecido; onde Jesus Nazareno, em toda a esplendorosa formosura da Sua Humanidade, appareceu como outr'ora aos discipulos d'Émaus e a Maria de Magdala annunciando a Boa-Nova, e disse a outra mulher santificada pelo amor de Deus, que transmittisse ás almas tibias que se tornem fortes, aos desalentados que tenham esperanza, aos tristes que se alegrem.

E a voz doce e calma de Jesus resoa; como outr'ora a do Precursor, desde o deserto aos confins da terra. Paz seja comvosco, diz o Salvador, e as almas tristes e apavoradas rejuvenescendo, como as flôres murchas com a frescura das auroras e o sorriso do Céu, respondem:

*Venha a nós
o Vosso Reino.*

Braga, 30 de Junho 916.

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos



Ol um guerreiro de rija e inquebrantavel coragem. Encontrando-se na cõrte e n'um grupo de fidalgos que conversavam com o rei D. João II, ouviu dizer a um chalaceador:

—O senhor Lopo Barriga é muito desgraçado, sempre o ferem!

Riram todos. Passados dias, indo o rei ao campo, o cavallo que montava desbocou-se e em vertiginosa corrida deu com o cavalleiro no chão. Fallaram d'isso á noite, e Lopo Barriga observou ao rei em presença do fidalgo motejador:

Senhor, quem corre cae e quem peleja ferem-no.

D'uma vez, em Africa, vendo o escudeiro Payo Rodrigues cahido por terra e alguns mouros prestes a retalha-lo, picou o cavallo e feriu tão valentemente que matou o alcaide, o filho e muitos mouros, salvando o escudeiro.

De outra vez, ia preso sob a guarda dos capitães do Xariphe, e de repente arrancou a lança das mãos d'um mouro matou alguns e logrou fugir.

Mas conseguiram prende-lo um dia e encarceram-no carregado de ferros. Tão grande era a sua fama de esforçado que de todas as partes vinham moiros a ve-lo. O moiro Cide Halli escarneceu-o e disse-lhe que gostava de vel-o solto para lhe acabar com a fama de valente. E metendo a mão pelas grades puxou-lhe as barbas. Barriga, enfurecido, deu-lhe com um páu na cabeça e matou-o. Foi castigado com dois mil açoites, que sofreu sem um queixume.

Lisongeiros

Do philosopho Crates:

—Aquelles que não teem por amigos se não a lisongeiros, vêem-se nos perigos tão sós como as ovelhas entre os lobos.

Pero Gallego

Em 1546, em Vianna do Castello, fallava-se d'um mancebo, filho de gente nobre, como sendo valente e eximio no jogo das armas. Formando-se mestre de esgrima d'um grupo de rapazes, fallou-lhes assim um dia:

—A fortuna trava amores com quem a procura. Quereis acompanhar-me n'uma embarcação a correremos as costas de Hespanha?

Foram todos, sem se despedirem nem de amigos nem de parentes. Commetteram a primeira façanha tomando um barco barbaresco que conduziram a Sagres. Durante tres annos percorreram os mares do Levante, fazendo muitas e ricas prezas. Uma tempestade arrojou-os a Cadiz, onde estava o almirante hespanhol Pedro Navarro. Pero Gallego não fez caso da auctoridade official e entrou com bandeira no topo do mastro.

Navarro tomou o insulto como ignorancia das leis e ordenou a Pero que arreasse a bandeira, mas este não obedeceu. Então o almirante hespanhol embarcou n'uma galera para apoiar com a força as suas ordens. Pero Gallego esperou-o e recebeu-o com uma banda que lhe matou alguns marinheiros e feriu o almirante, saindo depois vagarosamente e pacificamente sendo recebido em Vianna como merecia a sua coragem e valentia.

Epicuro

Este philosopho ensinou:

—Se o homem vivesse conforme a natureza nunca seria pobre e conforme a opinião nunca seria rico, porque a natureza contenta-se com pouco e a opinião é insaciavel.

Sómente quando um partido é o mais forte se pôde formar juizo sobre as doutrinas que professa.—*Stael*.

Idyllio



Ella—Que fazias tu se eu morresse?

Elle—Provavelmente endoidecia.

Ella—Eras capaz de casar outra vez?...

Elle—Oh! não!... Espero bem que não endoideceria tanto como isso...

Obras religiosas

de José Agostinho

O Jardim da alma—encad. 300 reis.

**Historia Sagrada do antigo e novo
testamento**—encad. 200 reis.

A vida de S. Francisco de Sales—br.
00 reis.

A vida de Santa Thereza—br. 200 reis.

O Evangelho—Encad. 400 reis.

Mez de Junho—br. 100 reis.

Flores Religiosas—Mez de janeiro 100 reis.

A Religião e a arte—100 reis.

Deus provado pela sciencia—100 reis.

A Escola Sem Deus—50 reis.

A Fé Religiosa e o Povo 50 reis.

Todos estes livros estão approveds pelo Snr. D. Antonio, Bispo do Porto.

Livraria Figueirinhas

75—Rua das Oliveiras—PORTO. (1896)

A. de Menezes

MANUAL DAS FILHAS DE MARIA (Congregações marianas)

Preços:—Encadernado em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

MANUAL DOS CONGREGADOS DE N. SENHORA

Preços:—Encadernado em percalina, 440; em carneira, 490; em chagrin, corte doirado, 540 réis.

Novas edições, feitas por A. de Menezes, em harmonia com as ultimas regras publicadas.

Francos de porte. Para registo, mais 50 réis por pacote. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser feitos a ANTONIO GOMES PEREIRA, Calle San Telmo, 21—TUY.

Arte e Religião

Officinas de esculptura e entalhador

47—Rua da Fabrica—49

PORTO

Deposito de imagens, sanctuarios, banquetas e todos os mais artigos e aprestos religiosos.

Execução de encomendas para as Provincias, Ilhas, Ultramar e Brazil.

Preços e todas as informações

Fereira d'Abreu & Filhos

SUCCESSOR

José da Silva França

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes. Artigos religiosos, imagens, paramentos. Harmonius, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se n'esta casa. Numero avulso 300 rs. (moeda brasileira).

Officio de Nossa Senhora EM PORTUGUEZ

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflatu».

Com as novas modificações introduzidas pela Bulla «Divino Afflatu».

Preços: brochado, 80 réis; encadernado em percallina, 150 e 170; Pelo correio mais 10 reis.

A' venda na administração do Boletim Mensal— Braga

Hotel e restaurante

Garrido

VIZELLA

Este afamado hotel está situado no centro da povoação e muito perto do estabelecimento dos banhos.

Bom e limpo serviço de mesa, quartos arejados e luxuosos. Seriedade em todos os seus contractos. (80)

Dirigir ao proprietario

José Garrido Vasques

PARAMENTOS

✕ OS MAIS BEM MONTADOS ATELIERS ✕
Officina de Escultura Religiosa em madeira, pintura, dourado e encarnação

IMAGENS

A casa
mais
comple-
ta no
seu
genero
em
Portu-
gal.



Modelo
das
suas
conge-
neres.

Faça-se
um con-
fronto.

ALFAIAS

XX O PRIMEIRO CATALOGO ILLUSTRADO XX
ENDEREÇO TELEGRAPHICO — Fabriculto — Porto.

MOBILIARIO